

Perseguição à arte no Brasil: uma leitura bergsoniana/ *Persecution of art in Brazil: a bergsonian reading*

Tiago de Lima Castro^{1*}

RESUMO

As ações perpetradas sobre exposições de arte, como *Queermuseu* e o que sofreu o MAM em 2017, se mostra como uma perseguição quando, em vez de discutir a obra, passa-se a buscar o fim do financiamento das exposições, efetivamente eliminando-as. É uma perseguição por deixar de fazer o debate para buscar sua eliminação através do fim de seu financiamento. Pode-se utilizar o pensamento de Henri Bergson para compreender como este contexto indica um movimento de fechamento. No entanto, o bergsonismo não é teleológico, podendo pensar formas de abertura, com auxílio do pensamento de Gilles Deleuze.

PALAVRAS-CHAVE: arte; estética; Bergson; Brasil; filosofia

ABSTRACT

The actions perpetrated on art exhibitions, such as “Queermuseu” and the one that underwent MAM in 2017, are seen as a persecution when, instead of discussing the work, we proceed to seek the end of the financing of the exhibitions, effectively eliminating them. It is a chase for failing to make the debate to seek its elimination through the end of its funding. One can use the thought of Henri Bergson to understand how this context indicates a closing movement. However, Bergsonism is not teleological, and may think forms of openness, with the help of the thought of Gilles Deleuze.

KEYWORDS: art; aesthetic; Bergson; Brazil; philosophy

1 O adensamento de sombras

Tem havido uma contínua crítica às exposições de arte e orquestras tendo como principal fio condutor seu financiamento público, seja diretamente por editais ou através a Lei Rouanet. Após a crise econômica mundial iniciada em 2008 e sua afluência no Brasil, tais discussões têm se inflamado e passado a ações concretas. A crítica enquanto processo de reflexão é sempre

1 Doutorando em Estética no Instituto de Artes / UNESP – Universidade Estadual Paulista, contato: tarpia@yahoo.com.br

necessária; contudo, dela se passou a ações que evitam a discussão e simplesmente buscam impedir a continuidade de exposições e orquestras.

No campo musical, temos como exemplo a *Banda Sinfônica do Estado de São Paulo*, que foi encerrada no ano de 2017 (NOGUEIRA, 2017), não sendo um caso isolado. Outras entidades receberam cortes e algumas foram descontinuadas, através da argumentação de pouca frequência de espectadores somada aos problemas decorrentes da crise econômica. A questão da frequência de público é curiosa ao se analisar as formas de divulgação dos eventos, que são divulgados, mas não exatamente de forma a incentivar pessoas que nunca entraram numa sala de concerto a fazerem. Se não se incentiva a entrada de pessoas não acostumadas a fazê-lo, como a frequência poderá ocorrer?

Em 2017 houve a polêmica com a performance *La Bête* no MAM (*Museu de Arte Moderna de São Paulo*), inspirada na obra *Bicho*, de Lygia Clark, na qual o artista plástico Wagner Schwartz estava nu e tendo seu corpo manipulado pelos espectadores, a exemplo dos objetos construídos na obra original. Devido a um vídeo divulgado de uma mãe com sua filha pequena participando da performance, no qual a menina somente encosta no pé do artista (G1, 2017), houve grande divulgação do caso e mesmo ameaças de morte a ele (BRUM, 2017). Antes de compreender e discutir a poética da obra, foram perpetrados intensos ataques públicos, colocando em questão o financiamento da exposição. A poética da obra visava, partindo da referência original, tratar de tamanha objetificação humana na qual um corpo nu pode ser livremente manipulado ao ponto de tornar-se uma coisa. Tal experiência, sendo por si só incômoda, nos possibilita estranharmos nosso entorno, que nos coisifica ao longo de nossa vivência cotidiana. A presença da criança na performance levou a uma acusação de pornografia infantil levada ao Ministério Público Federal (O GLOBO, 2017), por parte de movimentos como MBL (*Movimento Brasil Livre*), que após investigada por este último, foi arquivada e descartada devido a nudez do coreógrafo não implicar pornografia. (REDAÇÃO, 2018)

Um exemplo mais contundente foi o ocorrido na *Exposição Queermuseu* realizada no *Santander Cultural*, no Rio Grande do Sul. Após espalhar-se uma série de boatos sobre a existência de pedofilia, zoofilia, racismo e blasfêmia religiosa, uma série de pessoas, propondo-se a fechar a conta bancária no Santander, também organizado por movimentos de cunho político, como o MBL, levou ao encerramento da exposição, com o argumento que o financiamento público pela lei Roaunet não deveria possibilitar uma exposição em que seus valores não seriam os mais presentes na cultura brasileira (CARNEIRO, 2018). Houveram outras ameaças, contudo, a pressão pelo fim de financiamento do banco é uma ação concreta de eliminação da exposição, não através de uma coerção policial, por exemplo, mas de uma coerção moral por associar os valores do banco aos valores relatados pelos boatos forçando seu fechamento e colocando o questionamento sobre quais tipos de obra o Banco Santander, uma entidade privada, dele financiar ou não.

A obra *Criança Viada*, da artista plástica Bia Leite, recebeu a acusação de alusão à pedofilia. No entanto, a obra surgiu a partir de um Blog, do militante LGBT Iran Giust que coletava fotos de pessoas adultas quando eram crianças, para mostrar que desde pequenos não se encaixavam nos padrões dos gêneros masculino e feminino como postos socialmente, fornecidas voluntariamente pelas próprias pessoas fotografadas. Nem todas as crianças ali são homossexuais, transsexuais, ou outras siglas LGBT, de forma que mesmo crianças heterossexuais, que não apresentam disforia de gênero, na infância mostram gestos, gostos ou poses que diferem do que é estabelecido como padrão de seu gênero. A ideia da obra era simplesmente questionar normatividades e não defender pedofilia, como foi interpretado ou mesmo rotulado, para não se pensar no que a obra propõe. (WARKEN, 2017)

A obra *Cenas do Interior II* da artista plástica Adriana Varejão foi criticado por mostrar pedofilia. A pintura faz um painel de práticas sexuais presentes no interior do país, que incluem a zoofilia, e falam sobre o abuso sexual de negros, algo existente durante a escravidão. A artista que milita contra abuso sexual, faz um curioso estranhamento pela maneira que pinta a cena e seu conteúdo, mostrando a naturalização de certas práticas sexuais, que ocorrem de forma

velada em nossa história, mesmo com todo o ar bucólico do imaginário urbano sobre o sertão. A obra visa efetivamente questionar o porquê destas práticas ocorrerem de forma velada e bem conhecida e não são questionadas (SCHWARTZ, 2017). Vale lembrar que a artista sofreu ameaças.²

Outra obra criticada foi a *Cruzando Jesus Cristo com Deusa Schiva* de Fernando Baril, enquanto uma afronta ao cristianismo. A pintura de um Jesus misturado a um deus hindu com braços segurando objetos hodiernos parece uma visão sobre as diversas apropriações da figura religiosa de Jesus presentes em nossos dias. Em um contexto em que discursos religiosos conflitantes, em que alguns tem buscando transcender o espaço religioso para os três poderes, não deixa de ser uma pintura interessante. Poderia se discutir e mesmo criticá-la, mas partir do ponto de que qualquer representação de Jesus seja necessariamente um desrespeito a fé alheia são coisas bem diferentes.

Críticas e debates sobre as obras ou sobre o conceito das exposições é algo esperado. A provocação advinda do estranhamento com obra encaminhando a reflexão é uma das proposições da arte, especificamente destas obras citadas, de forma que esta cumpriria seu objetivo ao criar tal discussão. A falta de compreensão sobre arte em geral, devida a falta de educação nesse sentido, é um elemento presente. No entanto, a situação mais presente é partir diretamente a ataques as exposições e artistas, como ações proposições de cortar financiamento a estas.

Cortar o financiamento é uma forma de efetivamente destruir as obras, impossibilitando mesmo que críticas a estas sejam feitas e estas promovem algum debate público em torno da obra. Tal intenção de silenciamento de obras que discutem a naturalização de nosso cotidiano como abordam questões relativas a minorias. A própria ideia de finalização da Lei Rouanet, como da privatização de museus, tem se fortalecido.³

2 Para compreender melhor a poética da artista plástica vale a pena ler a dissertação de mestrado de Fátima Nader Simões (2009) intitulada *Memória e persuasão na pintura de Adriana Varejão*.

3 Recentemente ocorreu terrível incêndio do *Museu Nacional* do Rio de Janeiro. Mesmo não sendo focado em arte, a discussão sobre privatização de museus tornou-se mais forte. Ele foi o símbolo do início da pesquisa científica em nosso país, tendo um acervo gigantesco. O

Para além da educação em torno da arte, tema que precisa ser pensado e gerar novas práticas para este fim, tais sombras propiciam pensar caminhos sociais. Tais perseguições a arte não são um fim em si mesmo, mas um movimento de fechamento social que podemos pensar com o auxílio de Henri Bergson.

2 O aberto e fechado em Bergson

O último livro escrito por Henri Bergson, *As Duas Fontes da Moral e da Religião*, publicado em 1932, causou forte espanto por ter a religião como objeto de reflexão em conjunto com a moral, no sentido francês do termo, como da sociedade. O filósofo da intuição compreendia o fenômeno religioso enquanto um fenômeno antropológico e daí necessitar de reflexão. Em sua época, há forte tendência ou de ojeriza as religiões, por seu processo de submeter os indivíduos a pesadas regras morais, convivendo com elogios a esta, enquanto processos de libertação do potencial humano. A posição bergsoniana é de pensá-la enquanto um fenômeno antropológico o permite não enviesá-lo em polaridades maniqueístas, mas compreendê-la como fenômeno passível de sentidos diferentes.

Frédéric Worms (2010) nos lembra que o pensamento bergsoniano brota de uma intuição, em sua primeira obra, *Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência*, de compreensão do tempo. Há uma tendência na ação da inteligência de espacializar o tempo, compreendendo enquanto momentos estáticos ordenados, como a inteligência trabalha normalmente como momentos quantitativos. Não obstante, há outro sentido possível: a apreensão do movimento enquanto tal, movimento de liberdade, no qual se coincide com a duração, com o próprio fluir qualitativo da consciência, o qual implica coincidência com o próprio movimento da vida, aproximando-se do instinto, num ato simples mais cheio de complexidade aproximando-a no inexpressível.

fogo consumindo tem um aspecto simbólico que não pode ser ignorando, lembrando-nos o incêndio *Biblioteca de Alexandria*, representando este momento de fechamento bergsoniano que vivenciamos. Não poderíamos deixar de citar essa terrível ocorrência.

Esse segundo processo foi nomeado enquanto intuição, mesmo que para este a intuição seja um processo de expansão da inteligência.

Em sua última obra, há também dois sentidos possíveis: o da abertura e do fechamento, contudo, é necessário compreender como Bergson compreende a relação do indivíduo em meio a sociedade.

Para Bergson, o indivíduo em seu meio social tende a agir como uma célula em meio ao seu organismo. Através do hábito, cultivado pela inteligência e pela imaginação, o indivíduo apreende toda uma disciplina que toma para si mesmo. Nesse processo dinâmico, mesmo em mergulho do indivíduo em si pode mostrar seus gostos, desejos, anseios, mas a disciplina social tende a arrancá-lo destes e agir dentro da disciplina moral vigente.

Este percurso parece indicar uma defesa de um solipsismo necessário a ser a si mesmo, mas não é a proposta bergsoniana. Bergson diz que “cada um de nós pertence à sociedade, tanto quanto a si mesmo” (BERGSON, 2005b, p. 27), de forma que há certa tensão entre o eu individual e o eu social, ambos presentes em nós. Tal tensão não é uma criação do contrato social, mas a própria vida segue dos sentidos: o do instinto e da inteligência. O humano pode caminhar por ambos, instintivamente vivendo em sociedade, mas utilizando-se da inteligência para criar vocabulário e enquadrar conceitualmente, e matematicamente, sua experiência cotidiana para poder lidar com a contínua transformação que a vida enquanto um todo. A própria sobrevivência humana exige a vida em sociedade, e a aplicação da inteligência para compor normas morais, que serão apreendidas na experiência psicológica do indivíduo através da racionalidade e da imaginação.

Estes dois sentidos, são movimentos possíveis do *elán vital*, o princípio de como descrito por Bergson em *A Evolução Criadora* (2005a), na qual a sobrevivência humana, em sua vida, o leva a utilizar a inteligência e sua busca em estatizar o movimento, de forma a ter uma apreensão mais estável de seu ambiente para sobreviver. Essa tendência da análise e conceituação das coisas é modo próprio de sobrevivência humana, não visto como algo a parte da natureza, ou mais especificamente da vida, mas sua forma específica de sobreviver em meio ao ambiente. Contudo, é possível por um esforço de

expansão da inteligência coincidir com o *elán vital*, com o próprio movimento da vida, e aí apreender num ato simples o real em movimento.

Por isso não é o escape do eu social através de um mergulho solipsista que possibilite, afinal, é parte do instinto viver em sociedade, contudo, a mesma racionalidade que cria obrigações, em um processo de expansão desta, na intuição, poderia promover um movimento de ir além daquilo que se vive. Afinal, a obrigação moral pode levar os indivíduos a ferirem outros e realizar atos absurdos, daí a intuição, a coincidência com o próprio movimento da vida, poder levar a situações de abertura e movimento da moral, não calcada na letra, mas na emoção mística de coincidir com o movente, o transitório, a duração, o *elán vital*, a própria vida. A emoção mística aqui está no sentido de uma emoção que não pode ser descrita através das palavras, por ser a coincidência com a própria vida, porém, a inteligência poderá buscar categorizar essa emoção em conceitos, estatizando-os e afastando da experiência original não apreendida pela linguagem articulada.

De forma que tanto o indivíduo, quanto sua moral, quanto sua religião e sua sociedade estão dinamicamente imbricados e podem realizar movimentos que levem a uma experiência estática ou dinâmica.

Uma sociedade estática é aquela que se funda em princípios tão claros e evidentes que sua moral e religião são naturalmente estáticas, em que o código está acima de tudo. No processo de sobrevivência, fabricamos esta condição no desespero de manter a vida através desse processo. Racionalizamos as experiências ao ponto de transformá-las em códigos escritos, e no caso da religião, a faculdade da fabulação humana criará uma narrativa para tentar explicar a experiência mística, advinda de um processo de expansão da inteligência em direção ao instinto, como forma de categorizar e criar os códigos de leis morais e religiosos. Quando esse processo se aprofunda demasiadamente, o código torna-se mais importante que o indivíduo levando a condições de guerra, violência social, e tudo abalizado através do código. Eis o movimento de fechamento do indivíduo, da moral, da religião e da própria sociedade em si. Há momentos em que a própria sobrevivência leva a este estado de estatização para garantir o a sobrevivência humana, o problema

é seu aprofundamento demasiado que da disciplina asfixiante leva ao processo de guerra, com seus códigos escritos garantindo tal processo. Tal é a leitura de uma sociedade autoritária.

Uma sociedade dinâmica é aquela que abraça a liberdade através de coincidência com a duração, dos indivíduos coincidirem com o próprio movimento da vida, tendo uma moral dinâmica as transformações, como também sua religião, mas focada no ato fundador desta do que seus códigos escritos. Eis uma sociedade aberta, aberta a transformação. Não é um estado místico no sentido comum do termo, mas é aproximar-se de uma emoção criadora e mística pela própria, uma expansão da inteligência em direção ao instinto, como forma de coincidir com o movente que é a vida. Neste processo pode haver liberdade, pois o código não é visto como algo estrito, mas como metáforas que podem propiciar a coincidência com o próprio movimento de transformação tão intrínseco a vida. Nesse processo, ao se valorizar a emoção criadora perante a vida, o indivíduo pode apreender as diferenças que vão emergindo e mediar seus conflitos através de uma democracia radical. Bergson não fala de uma democracia no sentido comum de nossa vida política, mas de plena fecundidade e liberdade de cada indivíduo criando formas de preservar a sobrevivência, pois sendo o outro apreendido através da emoção e não de conceitos ou preconceitos estáticos, pode-se lidar com os conflitos pois a própria moral torna-se dinâmica ao não mergulhar nos códigos, mas na própria liberdade da contínua criação de si mesmo. Daí não ser exatamente uma democracia no sentido usual, mas no sentido radical de indivíduos livres e dinâmicos atuando conjuntamente para vida de todos.

A sociedade aberta é a saída possível, para Bergson, de não cair no fechamento que pode eliminar a própria espécie humana através da guerra e da dominação. O processo aberto exige um esforço contínuo de todos, tanto por tender a ser seguido por um processo de codificação de tudo, levando ao fechamento, como a próprio movimento da vida leva a mudanças contínuas, exigindo um esforço contínuo de expansão de liberdade, de coincidência com a vida, com amor no sentido místico de se coadunar ao próprio movimento criador intrínseco a vida.

Amor é uma ideia presente no ocidente, com múltiplas conotações ao longo da história. Bergson escreve o seu livro percebendo o momento que a Europa vivenciava e encaminhava a uma nova guerra. Trazer a temática do amor é trazer em discussão a principal religião ocidental, algo essencial para pensar a relação da religião, moral e uma sociedade estáticas à beira de uma guerra. Ao colocar o amor como uma emoção criadora o autor permite pensar o amor não no sentido de amor a letra escrita, mas vendo-a como metáforas que encaminhem o leitor a coincidir com este ato simples de coincidência com a vida.

Em sua época, o termo amor poderia ser usada para entes abstratos como amor à raça, pátria, partido, entre outros, além do uso religioso deste. De forma que pensar o amor não é somente perquirir sobre os problemas morais e religiosos do amor, mas propor que este esteja além do código e possibilite abertura e criação de si, tanto individualmente como socialmente, amando a concretude da vida e não suas categorias abstratas.

3 O movimento de fechamento

Estes processos de perseguição a obras de arte apontam um processo de fechamento. Não devido a críticas e ações virem, em muitos casos, de pessoas religiosas, mas pelo modo em que esta perseguição a sobrevivência da arte tem se realizado. Primeiramente, a superação do debate para o ataque direto a sobrevivência das exposições é um ato de violência. Ela se diferencia na ação de nazistas, por exemplo, na II Guerra Mundial destruindo e escondendo obras, pois não foi esse o proposto e executado, contudo, ao desferir ações para que as exposições não sobrevivam é uma forma de destruição também por via de legalidade, mas de certa forma espetacularizando a ação ao ser colocada como indivíduos contra a imoralidade dessa arte agindo sem ações físicas diretamente aos artistas, mesmo tendo ocorrido ameaças de tal ato.

Partindo da concepção que as obras ferem a moral vigente através de uma defesa da pedofilia, e outras parafilias, e do abuso sexual, o combate decorrente é esperado. Fora perceptível que tais juízos não ocorreram através de uma experiência diante das obras e de uma mínima conversa sobre estas, mas a construção de juízos através de relatos de terceiros espalhados através das redes sociais, uma forma contemporânea de transmissão de fofocas e boatos, estes sempre presentes na prática.

Partindo de um relato de terceiros para tomada de ações e decisões concretas é um processo de não perceber o outro, de colocar as normas acima da concretude vivida, daí ser perceptível esse movimento de fechamento. Tal movimento é acompanhado de uma defesa da beleza de uma arte clássica, e em valores morais desta última, não somente a produzida no passado, mas a feita nestes moldes hodiernamente.

A defesa de uma poética artística em relação a outras quando feita através do debate é saudável, e inclusive, multiplicidades poéticas é um indício de abertura e não fechamento. Contudo, a maneira como a defesa ocorre é de encarar determinada poética, mais ligada beleza e valores vigentes, como a única forma de arte possível, com eliminação de outras, que possibilitaria a manutenção da moral, religião e sociedade estática.

Como aponta Izilda Johanson (2014)

a arte fechada é aquela que cumpre uma função social muito específica, relacionada antes de tudo à manutenção da vida e conveniência do grupo. (...) Vale assinalar que o que caracteriza o fechado é a tendência a manter o estado constantemente inalterado – no caso da arte as danças folclóricas, os folhetins, os produtos da indústria cultural, para mencionar alguns exemplos (JOHANSON, 2014, p. 89).

De forma que a proposição de uma arte melhor em relação a das exposições como modelo de arte a ser cultivado indica um fechamento, no sentido de considerá-la fechada por servir ao estado das coisas presentes. Isso não implica que essa leitura da arte renascentista, clássica, calcada em ideias de beleza, seja efetivamente fechada, mas a defesa desta em busca da destruição dos meios de subsistência apontam para esse norte, o mesmo

temido por Bergson em sua época ao ver a guerra que se articulava em sua época e os riscos decorrentes a sobrevivência humana.

O que nos constrange é que a arte das exposições criticadas visarem questionar a coisificação do humano, como na performance *La Bête*, e evidenciar que crianças podem já apresentar tendências que escapam a normatização sexual, mesmo que esta, ao crescer, seja heterossexual, os estereótipos de gênero são quebrados através destas fotografias. Evidenciar outras formas de sexualidade é desnaturalizar normatividades em torno desta.

A obra da Adriana Varejão possibilita pensar como certas parafilias e abusos sexuais, além da questão racial intrínseca a nossa história, é ignorada mesmo estando presente na vida do campo, como uma naturalização bucólica da violência sexual e racial. São obras que trazem questões importantes a serem refletidas e debatidas, visando gerar comoção sobre a naturalização de tais práticas abjetas e não contra a artista e a obra em si. O mero relato falso da obra ser uma defesa destes absurdos levar a ataques é algo assustador.

A falta de informação, que tem origens nos gigantescos problemas educacionais do Brasil, se somam a uma postura de não dialogar sobre as obras, mas simplesmente atacá-las. O ataque acaba sendo as próprias minorias de direitos, no sentido sociológico do termo, por estarem fora da norma vigente.

A presença de elementos religiosos nas críticas não significa que a religião, enquanto fenômeno antropológico, seja efetivamente fechada, mas que o discurso religioso tem tido esse caráter estático e de potencial fechamento. A sexualidade e gênero tendem a ser temas em que os discursos religiosos caminham num sentido estático, valorizando uma interpretação de suas palavras do que efetivamente partindo de uma emoção criador, do amor, perante os indivíduos que escapam as categorias criadas por essa leitura muito focada na própria letra.

Porém, o pensamento bergsoniano não é fatalista ou apocalíptico, pois uma leitura do que se apresenta pode levar a pensar possíveis. No ensaio *O possível e o real*, o autor comenta que certa feita um jornalista o perguntou como seria a grande obra dramática do amanhã, ao que ele respondeu: “Se eu

soubesse o que seria a grande obra dramática do amanhã, eu a faria” (BERGSON, 2006, p. 114). Uma obra não feita é só um possível, não algo real, mas virtual. O fato de ao vislumbrarmos o passado em retrospecto gera a ilusão de uma linha reta que necessariamente daria esse resultado em qualquer ocasião história, contudo isso é uma miragem que projetamos ao futuro, ou seja, na possibilidade de compreender claramente o futuro que ainda não existe. Por isso o autor diz que

O possível é portanto a miragem do presente no passado; e, como sabemos que o porvir acabará por ser presente, como o efeito da miragem continua sem descanso a se produzir, dizemo-nos que, em nosso presente atual, que será o passado de amanhã, a imagem de amanhã já está contida ainda que não consigamos apreender. Precisamente aí está a ilusão. (BERGSON, 2006, p. 115)

De forma que não podemos deduzir o que necessariamente ocorrerá a partir deste momento de fechamento, já que o que ocorrerá não existe, são somente possíveis e virtualidades ainda que só se tornam o real quando presentificadas, a semelhança da obra dramática do amanhã que só ocorrerá quando algum autor a efetivamente produzir. Contudo, podemos vislumbrar possíveis processos de abertura e dinamismo na arte, em busca de sua realização.

4 As possibilidades de abertura

Segundo Johanson a arte

em seu sentido aberto abriga mudança, transformação, caso das grandes obras e movimentos artísticos, que fazem verdadeiramente a história da arte e, mais que isso, são o lugar onde mais significativamente se revelam as relações dos indivíduos consigo mesmos, com a sociedade a que pertencem, com a história, com a vida. (JOHANSON, 2014, p. 89)

Mesmo não sendo possível delinear como fazer arte aberta nesse contexto, é possível somente fazê-las, vislumbrar virtualidades é algo passível de ser feito.

A ideia de criação em Bergson (2005a) está relacionada com a dificuldade com que o meio se apresenta. O *elán vital* ao receber resistência do meio adapta-se a esse criando formas de sobrevivência e vida, pois o movimento de vida desenvolve-se para lidar com tais impedimentos. A arte como um ato humano também de sobrevivência, pode-se utilizar-se de tais resistências intrínsecas ao movimento de fechamento para propiciar liberdade e abertura ao colocar-se os indivíduos em contato com o movente que é a concretude vivida. Dessa maneira, o *elán vital* se potencializa pela resistência que o impele a transformação.

Gilles Deleuze (2003), ao discutir o ato de criação artística, propõe tal conceito enquanto um ato de resistência aquilo ao seu contexto, sendo um ato simples, contudo profícuo. Deleuze foi profundo leitor de Bergson, de forma que a aproximação de suas proposições é possível tanto pela influência do segundo sobre o primeiro, como pela proximidade de temática com relação a concepção de criação.

De forma que a criação artística como ato de resistência ao fechamento, e busca de criação de abertura, é possível ao coincidir com o movimento do *elán vital*, do movente, da transformação, na existência daqueles que mais sofrem com o processo de fechamento. Sendo os mais explorados, o povo mais pobre, aqueles que sofrem preconceitos raciais, preconceitos de gênero, de religião, de etnia, devido a sua sexualidade, entre outros.

A própria criação de categorias abstratas para abrigar as minorias de direito, em sentido sociológico do termo, podem ser processos de estatizar tais modos de viver e restringir sua própria liberdade ao calcar o que devam ou não devam ser. A liberdade é no movimento de ir além destas categorias para a indeterminação intrínseca a vida, a concretude do real. Uma arte que propicie abertura, talvez, e atos de resistência ao fechamento não pode compartilhar com a criação de miragens categóricas que definam como devam ou não viver, como se fossem grupos efetivamente a partes do organismo social. Voltando a metáfora da sociedade enquanto um organismo, tais grupos também não são células intrínsecas a tal organismo, mesmo que estejam sendo confundidas

com células deletérias a serem combatidas por um sistema imunológico doente devido ao seu fechamento.

Não basta simplesmente se aproximar destes para realizar diálogo e abertura, mas uma ação do indivíduo de expansão da inteligência para além daquilo que apreende dos códigos para a concretude da vida. Tal amor, enquanto emoção criadora que possibilite uma expansão de si, pela concretude dos indivíduos que também sofrem perante o processo de fechamento, afinal, todos os sofrem, é possível abertura. Tal movimento não é de mera aproximação, mas de coincidência com a própria vida, com a transcendência dos esquematismos racionais que possibilitam o sofrimento e induzem a disciplina radicalizada em torno de códigos escritos. E tal movimento efetivamente mostra, em um ato simples, que a sobrevivência só é possível, e como a própria vida, na comunhão criadora entre os indivíduos, de forma que a estratificação ou eliminação de grupos de indivíduos, diretamente ou através do seu acrisolamento em categorias racionais abstratas, é que não possibilita a própria sobrevivência.

Um movimento de abertura, com a própria arte, não é necessariamente uma busca de eliminação de discursos religiosos, pois a própria religião também pode ser aberta ao centrar-se menos na interpretação da letra e mais na emoção criadora, no amor, que foi a experiência mística, em sentido bergsoniano, que a gerou. Uma busca por exterminar práticas religiosas também é uma afronta a liberdade e um processo de fechamento. A própria experiência religiosa aberta, de quem a queira ter, pode ser um vetor de criação artística extremamente potente.

A arte deve revelar as relações doentes devido ao fechamento como propor novas formas de relações. A própria vida necessita romper com os esquematismos racionais que visam estatizar o real, gerando miragens destes, para coincidir efetivamente com o movimento vital que se apresenta em pura virtualidade impossível de ser vista a priori. Tais relações não podem ser apreendidas antes de se concretizarem, somente em contínua criação destas pode-se haver um movimento de abertura, e uma arte partícipe desse processo de abertura.

Vladimir Jankélévitch (2008) nos diz que o bergsonismo é um pensamento no qual o método e a pesquisa não podem ser separados, de forma que a criação artística, e a criação de si para abertura, é um processo que mais do que pensado precisa ser vivenciado na totalidade de si perante a experiência, colocar-se totalmente em abertura para vida enquanto puro fluxo e movimento. Daí pode-se resistir, do ponto de vista deleuziano, e provocar um movimento de abertura que enseje efetivamente paz.

Tal arte aberta, seja em obras de arte, seja na recriação de si, só pode ser realizada e não premeditada.

Considerações finais

Pudemos ver pelas ações sobre exposições de arte que não visam debatê-las, o que seria esperado e ensejado por estas, mas parte-se diretamente a ações de cortar financiamento destas e daí seu encerramento. Diferente de uma perseguição direta – apesar de haverem ameaças nesse sentido – aos seus membros, busca-se aniquilá-la através do fim de seu financiamento.

Simultaneamente, vai se propondo uma valorização de determinadas artes como se estivessem ligadas ao status quo e a tradição vigente.

Pode-se observar esse panorama, de um ponto de vista bergsoniano, como um processo de fechamento de uma sociedade almejando ser estática, na qual os indivíduos que compõe, sua moral e religião realizam tal movimento. A percepção deste movimento não implica mera fatalidade teleológica, que são miragens decorrentes de uma análise do passado em retrospecto em que se alinha cada acontecimento em um processo necessário, daí joga-se tal miragem ao futuro. A percepção do fechamento enseja uma expansão da inteligência para coincidir com o movimento, a transformação, o fluxo, o *elán vital*, a própria concretude da vida em contínuo movimento.

O aberto se dá sociedade a partir deste processo, de abertura dos indivíduos, sua moral e mesmo religião para o amor a concretude da vida. A arte pode atuar como resistência ao fechamento e na proposição de novas

formas de vida. A abertura não se dá num mergulho em si para escapar do eu social, mas a coincidência com a vida, no ato simples de coincidir com o movimento vital, o qual a emoção criadora contagia a percepção de que a sobrevivência só é efetivamente possível quando realizada em conjunto, mas em um conjunto social de liberdade de e contínua recriação de si enquanto indivíduo, moral, religião e sociedade.

A criação artística, seja de obras ou de recriação de si, podem contribuir se sobremaneira na busca de abertura, mas estas só podem ser feitas e não premeditadas.

REFERÊNCIAS:

BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. Tradução: Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

_____. *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. Tradução: Miguel Serras Pereira. Coimbra: Almedina, 2005b.

_____. *O Pensamento e o Movente*. Tradução: Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRUM, Eliana. "Fui morto na internet como se fosse um zumbi da série The Walking Dead". El país, Opinião, 12, fev., 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/opinion/1518444964_080093.html].

CARNEIRO, Bia. 'Queermuseu', a exposição mais debatida e menos vista dos últimos tempos, reabre no Rio. *BBC, News*, Rio de Janeiro, 16, ago., 2018. Disponível em?: [<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45191250>]

CERQUEIRA, Fátima Nader Simões. *Memória e persuasão na pintura de Adriana Varejão*. 2009. 174 f. Dissertação. (Mestrado em Artes, na área de concentração Estudos em História e Crítica da Arte) Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Rio de Janeiro.

DELEUZE, Gilles. Qu'est-ce que l'acte de création? In: *Deux Régimes de Fous: Textes et entretiens 1975-1995*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2003. p. 291-302.

G1. Interação de criança com artista nu em museu de São Paulo gera polêmica. *G1*, São Paulo, 29. set., 2017. Disponível em:

[<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/interacao-de-crianca-com-artista-nu-em-museu-de-sp-gera-polemica.ghtml>].

JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *Henri Bergson*. Paris: PUF, 2008.

JOHANSON, Izilda. *Bergson: Pensamento e Invenção*. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2014.

NOGUEIRA, Amanda. Músicos da Banda Sinfônica do Estado de SP são demitidos nesta quinta. *Folha de São Paulo*, Ilustrada, São Paulo, 09, fev., 2017. Disponível em:

[<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/02/1857166-musicos-da-banda-sinfonica-do-estado-de-sp-serao-demitidos-nesta-manha.shtml>].

O GLOBO. Após polêmica, Ministério Público investiga mostra no Museu de Arte Moderna de São Paulo. *O Globo*, Cultura, 30, set., 2017. Disponível em: [<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/apos-polemica-ministerio-publico-investiga-mostra-no-museu-de-arte-moderna-de-sao-paulo-21892435>].

REDAÇÃO. MPF descarta pornografia infantil em performance do MAM. *Revista Veja*, Entretenimento, 22, fev., 2018. Disponível em: [<https://veja.abril.com.br/entretenimento/mpf-descarta-pornografia-infantil-na-performance-do-mam/>]

SCHWARTZ, Lilia. A obra de Adriana Varejão e nossa 'Cena de Interior'. *Nexo Jornal*, 25, set., 2017. Disponível em: [<https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2017/A-obra-de-Adriana-Varej%C3%A3o-e-nossa-Cena-de-Interior>]

WARKEN, Júlia. Criança Viada: o que está por trás da obra que gerou revolta?. *M de Mulher*, Cultura, São Paulo, 14, set., 2017. Disponível em: [<https://mdemulher.abril.com.br/cultura/crianca-viada-o-que-esta-por-tras-da-obra-que-gerou-revolta/>].

WORMS, Frédéric. *Bergson ou Os Dois Sentidos da Vida*. Tradução: Aristóteles Angheben Predebon. São Paulo: Editora Unifesp, 2010.